



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

JÁ FOMOS MELHORES

Com o tempo, os homens haviam se esquecido de tudo. O vaivém de governos e de burocratas, a morte dos primeiros moradores, a construção de novos prédios, o excesso de carros, de casas e de gentes, tudo tinha se transformado em camadas de esquecimento sobre o fundo fremente daqueles dias inigualáveis. Restara somente uma incipiente rede de proteção para com a cidade inventada.

Haveria algum meio de trazer de volta o calor dos dias da criação? Como recuperar nos habitantes daquele lugar o espírito vulcânico do período em que todos sedimentavam lavas sobre o chão cru? Em que, da noite para o dia, mudavam a paisagem numa sucessão ininterrupta de alteração das formas do mundo até que um dia ele fosse considerado concluído, mesmo na sua eterna conclusão de cidade.

Desmemoriados pela modorrenço correr dos dias, os homens preferiam acreditar que aquela era uma cidade infeliz, uma imposição da arquitetura, um delírio socialista, fantasia resultante da semana de 22.

Pobres daqueles que, em habitando o mesmo chão fervilhante de outra, nada pudessem aproveitar desse fervor ancestral. No mundo em que agora viviam, não cabiam ingenuidades como aquela do final da década de 50. Era proibido ser ingênuo, todos tínhamos que nos curvar ao mercado, ninguém mais era gratuitamente simpático, genuinamente gentil, espontaneamente delicado. A tudo se agregava valor — o que vou ganhar com isso? Salvo alguns poucos dinossauros, ninguém emprestava a própria vida a um projeto coletivo. Eu, eu, eu e eu era só o que se ouvia, o dia inteiro, o tempo inteiro, a vida inteira.

A cidade onde hoje espalhamos nossas vidas e costumamos nossos caminhos, essa cidade só foi possível porque já fomos um pouco melhores do que hoje. No tempo em que ela foi construída, a competência vinha agregada a princípios. Chegava a ser pueril: havia certo constrangimento em argumentar em causa própria, certo pudor diante de uma disputa por cargos e salários. Claro que o mundo era imperfeito, que os homens eram tronchos, mas uma dose de decência pairava sobre a Terra e todos tínhamos cuidado em não destoar da maioria.

O presidente da República decidia fazer e fazia, não se prendia a desculpas, acordos, medos, vaidades,

cálculos precisos, não se prendia a pesquisas de mercado, nefasta e bem mais recente invenção. Ele não era a perfeição em forma de gente, mas arriscou-se a um retumbante fracasso.

Mesmo que assim tivesse sido, que da cidade só restassem hoje ruínas de meia dúzia de monumentos largados na vastidão do planalto, que o Palácio da Alvorada estivesse ocupado pelas emas, que, nos dias de muita chuva, os lobos-guarás e os veados campeiros procurassem abrigo no Palácio do Planalto, mesmo que assim tivesse sido, as ruínas da cidade inconclusa seriam lembranças de que já fomos melhores.



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicao.freitas@correioweb.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

CIDADE DE PAPELÃO

Qualquer que seja a explicação, não há explicação para o que há tempos vem acontecendo no cruzamento mais importante de Brasília, no marco zero da nova capital, no lugar mitificado como o ponto de partida, o instante da explosão original. A Rodoviária do Plano Piloto está se desmanchando e o governo não interrompe essa ruína diária e constante por uma razão única: a Rodô é o entroncamento das vidas de 400 mil brasileiros, em sua imensa maioria pobres, que diariamente atravessam as

plataformas, sobem e descem as escadas, usam os banheiros, tomam caldo de cana com pastel de queijo, tiram fotos três por quatro e lêem os jornais pendurados nas bancas.

Alguns vivem na Rodô. Constroem suas casas com tijolos de papelão. Erguem paredes de caixas encostadas umas às outras, definem território e delimitam seu direito de posse, que, na maioria das vezes, dura só uma noite. Ontem pela manhã havia uma vila de casas de papelão, contei quatro moradias devidamente constituídas na calçada do lado sul do Eixo Monumental, nas vizinhanças do antigo Touring. Sobre a terra onde, se supõe, havia um jardim, existe uma floresta de miseráveis. Parecem acostumados

ao cheiro forte de urina.

No primeira casa (e por que não seria, se ali eles vivem?), quatro homens reúnem-se em círculo, sentados sobre papelão, e jogam cartas. Na casa ao lado, quatro crianças estão acordando. A mais novinha, de não mais de cinco anos, ainda dorme. Tem cabelos louros, de cachos gordos. Os mais velhos não sabem o que fazer, querem sair atrás do café da manhã, mas não podem ir antes que o caçula acorde. Não ocorre a nenhum deles interromper o sono do mais novo, muito menos deixá-lo sozinho a metro e meio da pista do Eixo Monumental.

Na terceira casa de papelão, uma mulher nina um bebê de oito meses enquanto conversa com a vizinha ao

lado que está dobrando uma toalha de banho usada como cobertor. A mãe grita sai daí, olha o carro, para a garotinha que se pendura no alambrado que também serve de varal de roupa. Se, por alguma desventura, ela escapulir dali, serão poucas as chances de sobreviver. O quintal da casa da menina é uma crua e enorme pista de asfalto por onde os carros avançam com a rapidez dos indiferentes.

Algum anacrônico e incansável militante escreveu na parede da Rodô: "1964-2004, 40 anos de ditadura militar-civil capitalista". As famílias de papelão dormem encostadas a essa inscrição. O único capital que possuem são as caixas vazias, as roupas do corpo, as garrafas pet e o dia que levou

embora a noite fria e o vento implacável da madrugada.

Das coisas que mais impressionaram Lucio Costa, das poucas vezes que visitou Brasília, uma delas foi a Rodoviária. O vaivém de moradores de todas as cidades-satélites desobedeceu seus sonhos de fazer dali um centro de atividades culturais, um aglomerado de cafés e livrarias habitados por gente bem pensante. Na Rodoviária, Lucio Costa entrelaçou arquitetura e urbanismo, entremeou uma função viária a uma função arquitetônica. Nessa jóia de criação instalou-se a vida real, o Brasil esburacado, a miséria obscena. Deve ser por conta desse destino que a obra mais sofisticada de Brasília tem merecido o desprezo solene do governo do DF.